

HISTÓRIA E CULTURAS

DO PIONEIRISMO DA ABOLIÇÃO AO ENFRENTAMENTO DO RACISMO E DA DISCRIMINAÇÃO RACIAL: AS EXPERIÊNCIAS AFRICANAS E A UNILAB NO CEARÁ¹

Arilson dos Santos Gomes*

Resumo

O presente artigo visa a problematizar as experiências de sujeitos africanos e africanas, a partir de seus deslocamentos atlânticos para estudar na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab) localizada em Acarape e Redenção no Estado do Ceará, regiões símbolos da abolição da escravidão. Como procedimento da pesquisa, será utilizada a história oral temática (Alberti, 2005) e análise de dados quantitativos. A proposta será embasada nos conceitos de "racismo" (Dummett, 2004), "discriminação racial" (Almeida, 2018) e identidade negra (Santos, 1983; Gomes, 2002). Como resultado do trabalho, foi identificado, na percepção dos discentes, o impacto da presença cotidiana do racismo e da discriminação racial na região, situação que provoca ações da Unilab para enfrentar o problema.

Palavras-chave: Racismo. Discriminação racial. Identidade negra. Experiências. Unilab.

From pioneering abolition to confronting racism and racial discrimination: African experiences and Unilab in Ceará

Abstract

This article aims to discuss the experiences of African and African subjects, from their Atlantic displacements to study at the University of International Integration of Afro-Brazilian Lusofonia (Unilab) located in Acarape and Redenção in the State of Ceará, regions that are symbols of the abolition of slavery. As a research procedure, thematic oral history (Alberti, 2005) and quantitative data analysis. The proposal will be reasoned on the concepts of "racism" (Dummett, 2004), "racial discrimination" (Almeida, 2018) and identity black (Santos, 1983; Gomes, 2002). As a result of the work, it was identified, in the students' perception, the impact of the daily presence of racism and racial discrimination in the region, a situation that provokes actions by Unilab to face the problem.

Keywords: Racism. Racial discrimination. Black identity. Experiences. Unilab.

Introdução

As cidades de Acarape e Redenção, situadas na Região do Maciço do Baturité, são as cidades sede da Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira no Estado do Ceará. Além do Campus dos Malês, situado em São Francisco do Conde na Bahia.

Conforme o Plano de Desenvolvimento Institucional da Universidade:

A UNILAB foi concebida atendendo as diretrizes de interiorização e a internacionalização. Esta última tem como objetivo promover a cooperação técnica entre países em desenvolvimento, principalmente os países membros da CPLP. Quanto ao aspecto da interiorização, seus campi situam-se no interior da região Nordeste, nos municípios de Redenção/CE - local onde está a sua sede, Acarape/CE e São Francisco do Conde/BA. As instalações situadas no Ceará, denominados Campus da Liberdade [Campus Auroras] e

¹ Este artigo é resultado do projeto: Interpretações da nova diáspora: identidades, experiências e protagonismos das populações africanas em Acarape e Redenção Unilab/ Ceará. O trabalho de campo contou com a atuação da bolsista Francisca Talia Alves, Pibic Unilab (2019-2020).

* Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Instituto de Humanidades. Acarape, CE, Brasil. arilsonsg@unilab.edu.br < <https://orcid.org/0000-0003-0214-2312>>. Professor do Mestrado Interdisciplinar em Humanidades da Unilab (MIH/UNILAB) e do Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidades (PPGHCE/UECE).

HISTÓRIA E CULTURAS

Campus dos Palmares, estão localizadas em municípios que compõem a Região do Maciço de Baturité, distantes da capital cearense cerca 60km. Por sua vez, o Campus dos Malês, situado na cidade de São Francisco do Conde/BA, que compõe a região do Recôncavo Baiano, e distante também cerca de 60 Km de Salvador, capital do Estado.²

A universidade, criada sob a Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010, carrega em sua origem simbolismos históricos e políticos. Desde a assinatura do decreto, em que na ocasião, também foi sancionada a Lei nº 12.288, que institui o Estatuto da Igualdade Racial: “destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica”.³

O Campus dos Malês, situado na cidade de São Francisco do Conde/BA, concentrava na época de sua criação o maior percentual de negros no Brasil, conforme dados do IBGE em 2010.⁴ Já no Ceará, as cidades foram escolhidas para ser sede devido ao pioneirismo da Abolição. O recorte espacial deste artigo delimita-se as cidades localizadas no Estado do Ceará, Acarape e Redenção.⁵

O topônimo Acarape vem do tupi acarás e significa: de acará pé (caminho dos acarás, canal do peixe ou caminho das garças).⁶ Em 1868 a Vila do Acarape surge, e após a abolição a região passa a se chamar Redenção. Acarape, denominado de Cala Boca passa a ser distrito.⁷ Em 1926 o distrito recebe o nome de Acarape e logo após, em 1933, é rebaixado a vila de Redenção. Em 1963, Acarape se emancipa de Redenção, tornando-se município. Mas é em Redenção que a abolição se cristaliza em monumentos e na memória coletiva.

No campo internacional, a Unilab tem como objetivo ministrar o ensino superior com a missão institucional de formar recursos humanos que contribuam com a integração entre o Brasil e os demais países-membros da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), especialmente os países africanos. Isso se dá por meio da relação de Cooperação Sul-Sul, que foi desenvolvida, à época de sua criação, no plano das relações internacionais do País.⁸

² PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL - PDI da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) 2016 – 2021, p.13.

³ BRASIL Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial.

⁴ A origem de São Francisco do Conde remete ao ano de 1618 quando por ordem do Conde de Linhares, foi construído no alto de um monte, no Recôncavo Baiano, um convento e uma igreja, onde, mais tarde, surgiria a cidade de São Francisco do Conde, em 1698. O nome homenageia o padroeiro da cidade e o conde Fernão Rodrigues, que herdou o terreno do 3º governador-geral do Brasil, Mem de Sá. Disponível em: <<http://saofranciscodoconde.ba.gov.br/cidade/historia/>>. Acesso 30 dez.2021. Na Bahia, o Recôncavo, região em que se localiza São Francisco do Conde, era “[...] um centro importante da produção de açúcar e de fumo, foi um dos berços da plantation escravista nas Américas. No começo do século XIX, a região ostentava uma economia agrícola próspera e variada, que se baseava, em grande parte, na mão-de-obra escrava e cuja produção era destinada a mercados externos e locais. Mais do que isso, mesmo em 1872-73, a Bahia ainda tinha a terceira maior população servil do Brasil; ou seja, mais escravos ali moravam e trabalhavam do que na tão estudada província cafeeira de São Paulo.” BARICKMAN, Bert Jude. Até a véspera: o trabalho escravo e a produção de açúcar nos engenhos do recôncavo baiano (1850-1881). *Revista Afro-Ásia*, 21-22, p.177-238, 1998-1999, p. 181.

⁵ Atualmente a Unilab tem 39 cursos (graduação e pós-graduação stricto e lato sensu), com um total de 5.448 alunos matriculados, 1.012 na Bahia e 4.436 no Ceará. Disponível:< <https://unilab.edu.br/unilab-em-numeros/>>. Acesso 31 dez.2021.

⁶ Em entrevista com antigo morador, tem-se indícios da origem indígena da localidade. Segundo um interlocutor: “Sabe-se que essa região era habitada pelos índios tapuias, que vieram da região do Jaguaribe [...] e se firmaram nas margens do rio Pacuti”. GOMES, Arilson dos Santos. Escravidão e Pós-Abolição no Ceará: memórias e trajetórias das populações libertas na cidade de Redenção. *Revista Crítica Histórica*, vol. 12, n.23, 2021, p. 205.

⁷ Nas lembranças dos antigos moradores, a região era denominada “Cala Boca”, uma forma grosseira de tratamento. A vila de Acarape foi instituída pelo decreto assinado por Francisco Inácio Marcondes Homem de Melo, o então presidente da Província do Ceará, em 5 de dezembro de 1868. A primeira Câmara Municipal foi criada em 21 de agosto de 1871. Op.Cit.p.205.

⁸ “Norte” e “Sul” constituem conceitos utilizados nos campos político e acadêmico das relações internacionais. São um sistema político hierarquizado de classificação internacional. O “Sul” é um conjunto de países, pertencentes à África e à

HISTÓRIA E CULTURAS

Com o surgimento da universidade, um crescente número de discentes africanos passam a fazer parte da realidade desses municípios. Angolanos, cabo-verdianos, guineenses, moçambicanos, e são-tomenses e timorenses asiáticos passam a viver e a conviver em espaços públicos e privados dessas cidades. Supermercados, farmácias, condomínios, transportes públicos, hospitais, feiras, quadras esportivas e igrejas passam a ser locais amplamente frequentados por eles.⁹

Todavia, o convívio vem sendo problematizado pelas pesquisas de docentes e discentes da Unilab, uma vez que esses têm como escopo analisar criticamente a formação territorial e as atuais relações políticas, culturais, identitárias, étnico-raciais, educativas e sociais da região.¹⁰

A partir da presença dos corpos africanos na Unilab nas duas cidades, passam a ocorrer transformações nas percepções e nas realidades dos discentes. Isso promove uma nova consciência social, advinda das experiências vividas, das tradições e dos sistemas de valores e ideias, que são elementos fundamentais às identidades dos sujeitos.¹¹

Diante disso, questiona-se: “como os/as discentes africanos e africanas percebem o racismo e a discriminação racial nas sociedades locais que evocam oficialmente o pioneirismo da abolição?” e “quais são as propostas da Unilab para combater esses problemas?”

Para desenvolver este estudo, será utilizada a história oral uma vez que sua principal riqueza é permitir um estudo dos modos com que as pessoas e os grupos efetuaram e elaboraram experiências, incluindo situações de aprendizado em momentos estratégicos.¹² A fim de acurar a análise, será realizada igualmente uma análise quantitativa dos dados coletados e extraídos do formulário elaborado no *google.docs*. Além dos procedimentos da pesquisa, e à luz dos estudos

América Latina, que poderiam ser identificados como de terceiro mundo, subdesenvolvidos ou em desenvolvimento, ou mesmo potências emergentes. BARROS, Deolindo de; NOGUEIRA, Silvia Garcia. Cooperação educacional internacional Brasil/África: do Programa Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G) à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). *Revista de Estudos Internacionais (REI)*, João Pessoa, v. 6, n.2, p.117-133, 2015.

⁹ Dos estudantes da Unilab, 20,5% são internacionais; o segundo maior número entre as universidades brasileiras. A Unilab, Universidade da Integração Latino Americana, localizada em Foz do Iguaçu, PR, é a que mais tem alunos internacionais matriculados, cerca de 29,9%, segundo dados do Ministério da Educação, 2019.

¹⁰ ABRANTES, Carla Susana Alem *et al.* Um texto acadêmico para uma ação política: A Unilab e os episódios de violência em Redenção e Acarape. Redenção, 2017 (Prelo).

ABRANTES, Carla Susana; MOURÃO, Daniele Ellery. Estudantes Africanos dos PALOP em Redenção, Ceará, Brasil: Representações, Identidades e Poder. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v.25, n.1, p.64-81, 2020. LIMA, David Ferreira. *Entre a integração e o estranhamento: interculturalidade e conflitos na inserção de estudantes migrantes dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) na Unilab/CE*. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Humanidades). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades UNILAB, Redenção (CE), 2021.p.171. MACIEL, Wellington. Usos de uma cidade da liberdade: estudantes africanos em Redenção. *Caderno CRH*, Salvador, v. 30, n. 79, p. 189-201, 2017. MALOMALO, Basilele. Mobilização política dos/as imigrantes africanos/as pela conquista de seus direitos no Ceará (2012-2015). *Revista Capoeira*. São Francisco do Conde: Revista de Humanidades e Letras, v.3, n.1, p.57-84, 2017. MOURÃO, Daniele Ellery. Entre Palmares e Liberdade: reconfigurações identitárias de africanos na Unilab. In: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2016. *Anais*, João Pessoa/PB, 2016.p. 19. QUIJILA, Abel Calombo et al. Unilab 10 anos: Desafios e possibilidades no processo de implantação de uma universidade internacional com a África no interior do Ceará. In. (Orgs.). MONTEIRO, Artemisa Odila Candé; LIMA, Ivan Costa. Unilab 10 anos: experiências, desafios e perspectivas de uma universidade internacional com a África e o Timor Leste no interior da Bahia e do Ceará. Vol 1. Fortaleza: Imprece, 2020, p.12-33.

¹¹ THOMPSON, Edward. *A miséria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

¹² ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araujo. (Org.). *Histórias do movimento negro: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOCFGV, 2007, p. 17.

HISTÓRIA E CULTURAS

culturais, serão utilizados os conceitos de “discriminação racial”,¹³ “racismo”¹⁴ e “identidades negras”.¹⁵

Este artigo está estruturado em três seções. A primeira seção versará sobre as discussões sobre as relações étnico-raciais no Ceará e a missão institucional da Unilab. A segunda, tratará dos estudos com africanos em Acarape e Redenção e a identidade negra e a terceira, analisará, por meio das entrevistas e da análise de dados quantitativos, as experiências dos/as discentes africanos/as diante do racismo, da discriminação racial e as ações da Unilab.

Discussões sobre as relações étnico-raciais no Ceará e a missão institucional da Unilab

Destaca-se que, para o amplo funcionamento do arcabouço jurídico contra o racismo, e para a promoção da diversidade na sociedade em geral, são necessárias pesquisas que auxiliem a comunidade e os agentes públicos nas institucionalizações dessas demandas.¹⁶ Há de se destacar, em Redenção, o projeto da gestão pública municipal *Rosal da Liberdade*. Segundo Julimar Trajano Lopes, a gestão municipal de educação de Redenção tem-se valido desse capital histórico da cidade para promover ações de desenvolvimento de uma consciência de respeito aos direitos humanos, particularmente, em se tratando da diversidade étnico-racial e da promoção do multiculturalismo.¹⁷ O que, conforme escreveu Raimundo Girão, já é um avanço em um Estado em que os negros eram poucos.¹⁸ Situação que evocada por Girão associa o escravizado ao ser negro, já que o número de escravizados após a abolição no Estado era em número reduzido, segundo as suas observações. Situação problematizada em pesquisas atuais.¹⁹

As populações de Acarape e Redenção, somadas, segundo censo do IBGE de 2010, foram constituídas por 41.753 pessoas. Dessas, 34.024 se autodeclararam pardas e 1.758 se denominaram pretas. Ou seja, 35.782 (85,69%) das pessoas que residiam nessas cidades se reconheciam como não brancas. Porém, é preciso ter cautela quanto à afirmação de que todas essas pessoas são negras.

¹³ DUMMETT, Michael. O que é racismo? A natureza do racismo. In PATAKI, Tomas; LEVINE, Michael P. (Org.). *Racismo em mente*. São Paulo: Madras, 2005.p.39-47.

¹⁴ ALMEIDA, Silvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018.

¹⁵ GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte. São Paulo: USP, 2002 (tese: doutorado). SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

¹⁶ As Leis Federais nº 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003, e nº 11.645, de 10 de março de 2008, regulamentadas pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira, Africana e Indígena (Parecer do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno [CNE/CP] nº 03/2004) estabeleceram as regras por meio das quais se pretende enfrentar o racismo e promover o respeito à diversidade cultural no cotidiano escolar. CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. Novas vozes: NEABs e as lutas antirracistas no Brasil contemporâneo. In III Encuentro de las Ciencias Humanas y Tecnológicas para la integración de la América Latina, 2015. Local UFG. *Anais Goiânia*, 2015. p.2640-41.

¹⁷ LOPES, Juliano Trajano. *Tecnologia social como estratégia para o desenvolvimento local: uma análise do projeto Rosal da Liberdade*. Especialização (Curso de Especialista em Gestão Pública Municipal). Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Redenção, 2016, p. 19-20.

¹⁸ GIRÃO, Raimundo. *Pequena História do Ceará*. Fortaleza: Instituto Histórico do Ceará, 1962.

¹⁹ Essa afirmação de Raimundo Girão, destacado membro do Instituto Histórico do Ceará, é, no mínimo, questionável, já que, segundo os censos, “[...] no início do século XIX, a presença de afro-brasileiros já era significativa por estas terras cearenses, onde negros e pardos libertos somavam 60,7% de uma população total de 77.375 habitantes. Neste universo, a população negra e parda cativa somava 12.254, ou seja, 15,8% da população”. FUNES, Eurípedes Antônio. In SOUZA, Simone de (Org.). *Uma nova História do Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2007, p.104. Por isso, conclui-se que os negros sempre existiram no Ceará, o que ocorreu é que eles foram invisibilizados pela historiografia tradicional, diferente do mestiço que passa a ser decantado como um tipo regional. Em Redenção pretos e pardos formavam 68% da população, conforme o Censo de 1872. Sobre a discussão ver: MILES, Tshombe L. *A luta contra a escravidão e o racismo no Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2011. SOBRINHO, José Hilário Ferreira. *Catirina, minha nêga tão querendo te vende*. Escravidão, tráfico e negócios no Ceará do século XIX. Fortaleza: Secult, 2011.

HISTÓRIA E CULTURAS

Desde uma interessante perspectiva, Edna Roland trabalha com a noção do ser negro a partir de três referenciais. Primeiro, ela considera negro todo descendente de africanos. Um segundo referencial é considerar-se como tal, ou seja, é negro quem diz que é. E o terceiro refere-se ao indivíduo que é tratado como tal: quem sofre discriminação. Como afirma a autora, “[...] vale a declaração do sujeito, como referencial antropológico”.²⁰

Por sua vez, Neuza Santos explica que ser negro é algo além de nascer com a pele preta; é compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação. Ser negro “[...] é tomar consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer exploração”.²¹ Além do teor político, há uma dimensão estética, pois “[...] ser negro no mundo está relacionado com o corpo, com uma aparência que pode ou não resgatar de forma positiva as nossas referências ancestrais africanas recriadas no Brasil [...]”.²²

No Ceará, Tshombe L. Miles diz que “[...] a maioria da população é de descendência africana, mas, ao contrário da Bahia, não há necessariamente um tipo de consciência negra”.²³ Para o autor, a “[...] recusa em identificar-se com a identidade negra ou a negritude é um legado que reverbera através da diáspora africana, tanto como uma função do colonialismo quanto como uma instituição da escravatura”.²⁴ Tal situação, em meados da década de 1980, passou a ser tencionada com o surgimento do Grupo de União e Consciência Negra (Grucon), que, por ocasião do centenário da abolição no estado, organizou na década de 1990 o “Seminário Negrada Negada: o negro no Ceará”. O encontro teve como objetivo afirmar a identidade negra e, assim, denunciar a história oficial e a negação do racismo. No mesmo período, surgem os grupos organizativos das mulheres negras cearenses, como o grupo “Filhos da África”, que fundam entidades de pertencimento racial.²⁵

Para muitos africanos, as novas experiências cotidianas adquiridas no Brasil passam a ser percebidas de maneira traumática, ocasião em que o racismo e a discriminação racial são sentidos. São situações que potencializam a afirmação de sua identidade negra.

Paul Gilroy identifica essa situação como um papel de dupla obrigação, uma vez que o termo “negro” “[...] cobre as posições do conhecer e do ser”.²⁶ “Ser negro engloba tanto a experiência da dominação branca como a valorização individual e grupal de uma consciência [...]”.²⁷ No passado, por meio dos navios tumbeiros, a diáspora foi forçada.²⁸ No século XXI, destaca-se a nova diáspora, relacionada à vinda de africanos e africanas para estudar no Brasil, o

²⁰ ROLAND, Edna. Depoimento. In ALBERTI, Verena; PEREIRA, Amílcar Araújo (Org.). *Histórias do movimento negro: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Pallas; CPDOC-FGV, 2007.p.411.

²¹ SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983, p.77.

²² GOMES, Nilma Lino. Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte. São Paulo: USP, 2002 (tese: doutorado), p. 12.

²³ MILES, Tshombe L. *A luta contra a escravatura e o racismo no Ceará*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2011, p. 18.

²⁴ *Op. Cit.*p.20.

²⁵ SOUSA, Antônio Vilmarques Caruaíba de. *Negrada Negada: a Negritude Fragmentada: O movimento Negro e os Discursos Identitários sobre o negro no Ceará (1982- 1995)*. Dissertação (Mestrado em História Social). PPGH UFC. Fortaleza, 2006. NASCIMENTO, Joelma Gentil do. *Memórias organizativas do movimento negro cearense: algumas perspectivas e olhares das mulheres militantes, na década de oitenta.*– Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira UFC, Fortaleza (CE), 2012.

²⁶ GILROY, Paul. *O Atlântico Negro como contracultura da modernidade*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001, p. 120.

²⁷ Collins *apud* Gilroy, *Op.Cit.*

²⁸ O termo “diáspora” entra para o vocabulário dos estudos negros na prática da política panafricanista. Surge a partir do pensamento judaico e está associado “[...] às ideias de dispersão, exílio e escravidão.” GILROY, Paul. *O Atlântico Negro como contracultura da modernidade*. Rio de Janeiro: Editora 34, 2001, p. 383.

HISTÓRIA E CULTURAS

que faz ser fundamental destacar o dinamismo dos grupos africanos presentes na Unilab com suas identidades étnicas e nacionais.²⁹

Interpretar as muitas culturas diaspóricas africanas é complexificar o que aprendemos em nossas formações: a ideia de africanos como uma identidade fixa, única, homogênea, o que deve ser revisado diante das dinâmicas culturais, sociais e políticas existentes.

Dinâmicas potencializadas a partir das experiências dos discentes africanos por suas novas experiências longe de seus países de origem. Por outro lado, surge a necessidade de conhecê-los a fim de adequarmos nossas percepções às relações étnico-raciais.

Compreende-se que os discentes africanos, que vêm estudar no campus de Acarape e Redenção da Unilab, descubrem-se “negros”. Existe falta de entendimento por parte da sociedade local sobre os seus pertencimentos étnicos-identitários, o que condiciona sua identidade à homogeneização,³⁰ reforçada em seu fenótipo, sua marca: a cor da sua pele.³¹

A Unilab, surgida em 2010, corresponde às transformações instauradas pelas demandas dos movimentos negros — em consonância com a agenda política nacional — e da política externa brasileira à época.³² Em um contexto recente, propiciou o que Abrantes e Mourão identificaram como “[...] parte da experiência social promovida pelas novas políticas públicas de integração e inclusão[...]”, que, neste artigo, identifica-se como reflexo das Ações Afirmativas no ensino superior.³³

Ademais, conforme a Unilab aponta no desenvolvimento de suas políticas acadêmicas para a igualdade étnico-racial:

É muito relevante para a UNILAB dispendir parte de sua competência acadêmica na educação e em pesquisas sobre as relações étnico-raciais no mundo [...]. Aplicado ao Brasil, sem perder de vista aspectos internacionais [...]. Há que se teorizar simultaneamente sobre o racismo e a igualdade racial, temas que devem ocupar nossa inquietação acadêmica e institucional para bem cumprirmos a missão da UNILAB.³⁴ (Grifo nosso).

Estudos com africanos em Acarape e Redenção e a identidade negra

Neste tópico, serão problematizados os dados coletados no formulário específico conjuntamente com os estudos realizados sobre a presença dos discentes africanos em Acarape e Redenção.³⁵ O formulário foi aplicado voluntariamente para 38 estudantes africanos matriculados na Unilab do Ceará, das seguintes nacionalidades: angolanos, guineenses, caboverdianos, moçambicanos e são-tomenses, entre 18 e 30 anos de idade. Destes 16 moram em Redenção e 18 em Acarape, o que corresponde a 89,5% dos/das participantes.³⁶

²⁹ MACIEL, Wellington. Usos de uma cidade da liberdade: estudantes africanos em Redenção. *Caderno CRH*, Salvador, v. 30, n. 79, p. 189-201, 2017.

³⁰ ABRANTES, Carla Susana; MOURÃO, Daniele Ellery. Estudantes Africanos dos PALOP em Redenção, Ceará, Brasil: Representações, Identidades e Poder. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v.25, n.1, p.64-81, 2020.

³¹ NOGUEIRA, Oracy. *Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985.

³² Em outro artigo, problematizou-se as ações de promoção da igualdade étnico-racial realizadas pela Unilab nos dez anos de sua existência. GOMES, Arilson dos Santos. A Unilab e as ações de promoção da igualdade étnico-racial (2010-2020). *Revista Contemporânea de Educação – UFRJ*, vol.16, n.37, p.104-130, 2021b.

³³ ABRANTES, Carla Susana; MOURÃO, Daniele Ellery. Estudantes Africanos dos PALOP em Redenção, Ceará, Brasil: Representações, Identidades e Poder. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v.25, n.1, 2020, p. 65.

³⁴ PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL - PDI da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) 2016 – 2021, p.47.

³⁵ Por meio de formulário específico, aplicado entre junho e agosto de 2020, coletamos dados de 38 discentes que voluntariamente responderam algumas questões estruturadas. Desses, 17 angolanos, 13 guineenses, 4 caboverdianos, 2 moçambicanos e 2 são-tomenses participaram do estudo.

³⁶ O formulário elaborado na plataforma <https://docs.google> foi enviado para os representantes das associações de estudantes dos países presentes na Unilab e destes repassadas para possíveis participantes. Além desses envios, o

HISTÓRIA E CULTURAS

7

Pesquisas, anteriormente realizadas, tiveram como características principais as próprias vivências de seus autores e de suas autoras no universo “unilabiano” — como docentes ou discentes, brasileiros e brasileiras ou africanos e africanas — e analisaram as realidades do cotidiano acadêmico e social local.

Em seu estudo pioneiro, Daniele Ellery Mourão faz uma reflexão acerca dos processos de produção de identidades, na Unilab, de estudantes “estrangeiros” de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP), durante a construção de seus projetos de vida e de formação acadêmica em um contexto de deslocamento transitório.³⁷

A pesquisadora aborda as relações sociais entre estudantes africanos e brasileiros e os contrastes com as situações discriminatórias e excludentes, produtoras de silenciamentos e tensões identitárias e raciais. Os resultados enfatizam os problemas vivenciados em Redenção, cidade abolicionista que escamoteia a presença do negro em sua história e em sua realidade por meio da manutenção de fronteiras entre os habitantes locais e os africanos.³⁸ Mourão aponta, como horizonte, a necessidade do “[...] rompimento com as formas institucionalizadas de silenciamento e desconstrução de antigos mitos ligados à dominação colonial e à superioridade europeia, permitindo que os estudantes possam colocar em prática seus projetos de vida e de formação superior”.³⁹

Bas’Ilele Malomalo elabora uma pesquisa documental em combinação com o dispositivo da própria experiência vivenciada e da memória coletiva dos estudantes. O pesquisador desenvolve sua análise direcionada ao protagonismo africano na luta por seus direitos a partir de suas associações. Sua preocupação foi revelar as formas individuais e coletivas de resistência “[...] perante as diferentes formas de violência, racismo, discriminação, preconceito, xenofobia e insegurança”.⁴⁰ O estudo de Malomalo acrescenta à discussão a xenofobia vivenciada pelos africanos no Ceará. As contribuições dessa pesquisa, em contraste com as de Mourão, incidem nas próprias experiências de vida de Malomalo enquanto africano.

Malomalo utiliza como referencial os conceitos de “campo” de Bourdieu ao afirmar que as violências, em Acarape e Redenção, são identificadas em setores públicos e privados por meio do prisma hegemônico. Tais situações, segundo o autor, “[...] afetam negativamente a vida dos/as imigrantes africanos/as, majoritariamente estudantes, no Ceará, nas cidades em que se encontram a Unilab”.⁴¹ Contudo, o autor finaliza a produção com otimismo ao declarar que existe “[...] o lado oposto do campo [...]”, identificado em indivíduos ou em organizações públicas, privadas ou da sociedade civil. Em rede, “[...] em parceria, com respeito, crença e confiança”, é possível fundar “[...] agências e ações de resistência e reinvenção do cotidiano e da cidadania dos/as imigrantes africanos/as residentes no Ceará”.⁴²

documento foi enviado para outros contatos que potencialmente poderiam responder as questões. No total, foram enviados convites para 114 endereços eletrônicos, dos quais obtivemos 38 respostas completas. A cidade de Fortaleza e de Baturité, números mínimos, também foram apontadas como local de residência nas respostas.

³⁷ MOURÃO, Daniele Ellery. Entre Palmares e Liberdade: reconfigurações identitárias de africanos na Unilab. In: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2016. *Anais*, João Pessoa/PB, 2016.

³⁸ Dos 38 estudantes consultados, ao serem perguntados sobre como está a sua adaptação nas cidades de Acarape e Redenção, todos responderam que as suas adaptações nas cidades estão boas ou médias. Para ser mais exato, 12 (31, 57%) responderam que a adaptação está boa e 26 (68,42%) responderam que a adaptação está média. Ninguém respondeu que esteja ruim. Perguntados sobre as relações cotidianas na cidade, a resposta média é a que mais se evidencia, contudo, 03 respostas confirmam que as relações são ruins. O que poderia ser considerado pouco se não fosse a relação com a outra pergunta: “se você já sofreu racismo na cidade que mora”. Das 38 respostas, apenas 13 (34,21%) responderam não, enquanto 25 (65, 78%) estudantes responderam sim e talvez. Sendo 16 (42,10%), sim e 09 (23,68%) responderam talvez.

³⁹ MOURÃO, Daniele Ellery. Entre Palmares e Liberdade: reconfigurações identitárias de africanos na Unilab. In: 30ª Reunião Brasileira de Antropologia, 2016. *Anais*, João Pessoa/PB, 2016.p. 14.

⁴⁰ MALOMALO, Basilele. Mobilização política dos/as imigrantes africanos/as pela conquista de seus direitos no Ceará (2012-2015). Revista Capoeira. São Francisco do Conde: Revista de Humanidades e Letras, v.3, n.1, 2017, p. 58.

⁴¹ *Op.Cit.*p. 81.

⁴² *Op.Cit.*p. 82.

HISTÓRIA E CULTURAS

Em outro trabalho, Wellington Maciel abordou a relação entre “estrangeiros” e Redenção, tomando para estudo de caso a presença de estudantes guineenses no município. O objetivo de seu estudo, ao dialogar com as pesquisas sobre a atual diáspora, foi compreender as resignificações do espaço urbano produzidas pelos estudantes.⁴³

O pesquisador destaca que a escolha dos estudantes guineenses para a elaboração de sua pesquisa deveu-se ao fato de que, dentre os estudantes da África lusófona, esses compõem o mais numeroso grupo na Unilab, além de serem aqueles com quem teve maior contato enquanto docente nessa universidade.⁴⁴

O estudo de Maciel se destaca pela forma com que o autor problematiza a cidade de Redenção a partir de seu pioneirismo abolicionista, em que o imaginário social é destacado, sob forma de linguagem urbana, manifestada em letreiros, *outdoors*, ruas e edificações, e nas conversas cotidianas dos redencionistas.⁴⁵

Wellington Maciel também aponta que, apesar dos problemas enfrentados, os discentes africanos conseguem manifestar suas identidades nos “cânticos e nas danças tradicionais, por ocasião dos festejos e comemorações do Dia da África ou quando são celebradas as independências nacionais”.⁴⁶ Para o autor, são atividades que permitem um conhecimento sobre os sujeitos, os países e o continente africano as oficinas desenvolvidas por técnicos e professores, em projetos de extensão, em que sobressaem as discussões sobre “[...] identidades africanas em diáspora; nação e estado-nação; lutas de libertação e usos do cabelo crespo e do corpo como marcadores de identidades”.⁴⁷ Sua hipótese é de que as atividades realizadas no “Campus Liberdade”, localizado no centro de Redenção, possibilitam, a partir da presença de “estrangeiros da nova diáspora”, outros discursos na “terra da liberdade” além daqueles empregados hegemonicamente. Todavia, como o constatado, outros elementos são utilizados pelos estudantes para as suas afirmações, como a manutenção dos laços pela leitura, a utilização das mídias digitais e as práticas esportivas.⁴⁸ Situações que colocam outras possibilidades de afirmação.

Em um estudo coletivo, e seguindo a linha de Malomalo, a professora Carla Susana Alem Abrantes redigiu um texto com a participação de estudantes da disciplina “Política, Poder, Estados Nacionais e Transnacionais” do Bacharelado em Antropologia, durante o período letivo de agosto a dezembro de 2017. O texto-relatório foi enviado para todos os docentes da Unilab lotados no Ceará e na Bahia, e para os órgãos públicos de Acarape e Redenção.

Intitulado *Um texto acadêmico para uma ação política: a Unilab e os episódios de violência em Redenção e Acarape*, o manuscrito problematizou a violência nas cidades-sede da Unilab no Ceará. Para analisar “as violências”, os estudantes africanos e brasileiros coletaram informações, explorando diferentes técnicas de pesquisa, como entrevistas, experiências pessoais (já que, muitos

⁴³ MACIEL, Wellington. Usos de uma cidade da liberdade: estudantes africanos em Redenção. Caderno CRH, Salvador, v. 30, n. 79, p. 189-201, 2017.

⁴⁴ Dos 38 participantes do questionário, apenas 13 (34,2%) estudantes são guineenses. Mesmo os/as estudantes guineenses sendo a maioria matriculada na Unilab, os angolanos foram os que mais responderam ao formulário proposto neste estudo, totalizando 17 (44,7%) participantes.

⁴⁵ Perguntados sobre se eles conheciam a abolição, 31 (81,6%) das respostas foi sim. O que permite avaliar o impacto na percepção dos africanos sobre a representação da abolição difundida na cidade. Porém, conforme Maciel, para os moradores de Redenção, os africanos são descendentes dos escravos, beneficiários das vantagens que a cidade pode oferecer. Já para os “estrangeiros”, “[...] não há correspondência entre a atual diáspora e os sentidos de liberdade compartilhados pelos moradores. A liberdade dos estudantes reside na oportunidade de ir e vir que a situação ‘estrangeira’ oferece, o que gera alterações ocasionais de usos esperados dos espaços urbanos da topografia da liberdade”. MACIEL, Wellington. Usos de uma cidade da liberdade: estudantes africanos em Redenção. *Caderno CRH*, Salvador, v. 30, n. 79, 2017, p. 200.

⁴⁶ *Op. Cit.*, p.197.

⁴⁷ *Op. Cit.*

⁴⁸ Mesmo o autor remetendo a sua análise aos guineenses é importante destacar que angolanos, moçambicanos, caboverdianos, são tomenses e os próprios guineenses responderam que o seu lazer preferido é música e dança 18,4%, mídias digitais 18,4%, esportes 21,1% e leitura 23,7%.

HISTÓRIA E CULTURAS

dos autores do texto, vivenciaram algumas das ocorrências relatadas), e-mails com discursos de docentes, grupos de *WhatsApp* de discentes e redes sociais em geral.⁴⁹

Os/as autores/as do texto identificaram a violência existente nos municípios a partir do uso do termo “estrangeiro”, que, nos últimos anos, adquiriu um destaque/atributo negativo. Esse sentido negativo, a partir de uma divisão territorial, começa a se fixar entre os que vivem em “residências de estudantes” ou em “residências familiares”. Esses seriam, portanto, dois territórios considerados “menos seguros” e “mais seguros”, respectivamente. Os autores também consideraram questões relativas à xenofobia (discriminação contra o estrangeiro) e ao racismo (discriminação racial).⁵⁰

O relatório concluiu que as angústias individuais e coletivas, face às situações de vulnerabilidade, somente podem ser combatidas por meio de articulações entre a universidade e o poder público, o que irá permitir “[...] um bem viver acadêmico”.⁵¹

Em um trabalho conjunto, Carla Susana Abrantes e Daniele Mourão desenvolveram um estudo referente aos “estudantes Africanos dos PALOP em Redenção”. O artigo tem foco na experiência social promovida pelas novas políticas públicas de integração e inclusão com a criação da Unilab, evidenciando que a chegada de africanos que objetivam estudar, no Brasil, não é uma novidade. De certa forma, a criação da Unilab complementou os já existentes programas de estudantes-convênio da Graduação (PEC-G) e da Pós-Graduação (PEC-PG). Contudo, a Unilab, ao ofertar 50% das vagas aos africanos, “[...] criou condições de expansão do acesso ao ensino superior para diferentes classes sociais e regiões dos países de origem [...]”.⁵²

Elas também problematizam os estereótipos e os estigmas ainda presentes nas mentalidades dos brasileiros sobre o ser africano e a sua associação com a escravidão. Segundo as autoras, os estudantes internacionais relatam que são identificados como africanos “pela aparência” e pelos sotaques, e são tratados de forma homogênea, “[...] como se a África fosse um país”. O exotismo (e a objetificação de seus corpos), além da sua identificação como pessoas “incapacitadas” e que “precisam de ajuda”, em razão de um suposto “[...] atraso cultural e intelectual”, também compõem esse tratamento.⁵³

Em publicação acadêmica alusiva aos 10 anos de existência da Unilab, os próprios discentes africanos e africanas relatam como vivenciam o racismo, o preconceito, a discriminação e a xenofobia nas cidades de Acarape e de Redenção. O texto diz que: “a Unilab tem sido um espaço para autoafirmação para muitos estudantes que, durante o ensino fundamental e médio não discutiam questões de identidade étnico-racial e de gênero. Essa instituição tem ajudado a transformar a vida de muitos estudantes na autoafirmação, como negros [...]”.⁵⁴ Como explica um discente angolano:

[...] quando nos deparamos com a questão da discriminação, preconceito e racismo, houve uma necessidade de retomarmos a afirmação da identidade, particularmente na UNILAB, onde muitos de nós estudantes africanos não discutimos questões sobre identidade, porque nos nossos territórios falar de identidade era mais por questões étnicas, por exemplo. Mas aqui a realidade é outra, porque houve a necessidade de reafirmarmos essa identidade dentro da universidade [...].⁵⁵ (Grifo nosso).

⁴⁹ ABRANTES, Carla Susana Alem et al. Um texto acadêmico para uma ação política: A Unilab e os episódios de violência em Redenção e Acarape. Redenção, 2017 (Prelo).

⁵⁰ *Op. Cit.*

⁵¹ *Op. Cit.* p. 21.

⁵² ABRANTES, Carla Susana; MOURÃO, Daniele Ellery. Estudantes Africanos dos PALOP em Redenção, Ceará, Brasil: Representações, Identidades e Poder. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, v.25, n.1, 2020, p. 65.

⁵³ *Op. Cit.* p. 74.

⁵⁴ QUIJILA, Abel Calombo et al. Unilab 10 anos: Desafios e possibilidades no processo de implantação de uma universidade internacional com a África no interior do Ceará. In. (Orgs.). MONTEIRO, Artemisa Odila Candé; LIMA, Ivan Costa. Unilab 10 anos: experiências, desafios e perspectivas de uma universidade internacional com a África e o Timor Leste no interior da Bahia e do Ceará. Vol 1. Fortaleza: Imprece, 2020, p.24.

⁵⁵ Discente angolano *Apud* Quijila et al. *Op. Cit.*

HISTÓRIA E CULTURAS

Acredita-se que os marcadores externos, insuflados pelos traumas e violências, também afirmam as identidades dos estudantes africanos, pois são compartilhadas, além da mesma história de desenraizamento, os reflexos de um passado de escravidão e um presente de racismo discriminação racial, como destaca Neuza Santos.⁵⁶ Por isso, em tese, perguntados/as sobre a sua identidade racial, a maioria dos/das participantes se assumiram como negros.⁵⁷

Experiências dos/as discentes africanos/as diante do racismo, da discriminação racial e as ações da Unilab

Os dados e os trabalhos apresentados no item anterior mostram os problemas existentes nas cidades de Acarape e Redenção, no estado do Ceará, evidenciados na análise das experiências dos/as estudantes africanos/as que atravessam o oceano Atlântico para estudar na Unilab. Além disso, mostram as relações desses indivíduos com as sociedades abrangentes. Entre tantas violências, o racismo e a discriminação racial são evidentes.⁵⁸

Conforme o filósofo Michel Dummett, a manifestação do racismo ocorre, é notória e definida em comportamentos hostis contra a cultura e os membros dos grupos definidos por seu pertencimento racial. A denominação “grupo racial” é definida por “[...] atitudes sociais [...]”. Pode ser por origem geográfica, religião ou aparência [...].⁵⁹

Sílvio de Almeida afirma que o racismo

[...] é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios, a depender do grupo racial ao qual pertencem”.⁶⁰

⁵⁶ David Ferreira Lima, em sua pesquisa de mestrado, analisou os fatores que permeiam os processos de integração dos estudantes africanos, através de experiências no convívio com a população local, com os demais estudantes e os corpos técnico administrativo e docente da UNILAB. Lima atua desde 2014, no Serviço de Mobilidade e Cooperação Solidária, lotado na Pró-Reitoria de Relações Institucionais (PROINST), com a função de organizar, a partir da chegada dos estudantes selecionados no Programa de Seleção de Estudantes Estrangeiros (PSEE), a documentação, a logística de transporte e o agendamento para a regularização do Visto Temporário de Estudante Migrante. Um aspecto destacado é que “os estudantes que aqui chegam não vivenciaram, de igual forma, em seus países, a questão do racismo como esta é vivenciada no Brasil. Ainda que saibamos que há outras formas de racismo, como nas relações coloniais de poder entre as nações, a população dos países africanos nos PALOP não vivenciam o que no Brasil é visível: preconceito e discriminação contra os negros, e que tem o componente ainda do ‘racismo de marca’”. LIMA, David Ferreira. *Entre a integração e o estranhamento: interculturalidade e conflitos na inserção de estudantes migrantes dos países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP) na Unilab/CE*. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Humanidades). Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Humanidades UNILAB, Redenção (CE), 2021.p.122.

⁵⁷ Das 38 respostas inseridas no formulário, 15 (30,5%) se consideram preto/a. Porém, 23 (60,5%) se consideram negro/a. Para Mbembe “Ser negro comporta experiências históricas desoladoras, a realidade de uma vida vazia, o assombro para milhões de pessoas apontadas nas redes de dominação da raça, de verem seus corpos e pensamentos a partir de fora”. MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. Lisboa: Antígona, 2014, p. 19. Mesmo ciente da complexidade da discussão, sobretudo em relação aos sujeitos africanos, compreende-se que para o indivíduo se afirmar como negro requer uma consciência política, cultural e social da construção identitária. GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. *Educação Antirracista Caminhos Abertos pela Lei Federal nº10.639/03*. Brasília: Coleção Educação Para todos. SECAD/MEC, 2005. p.39-62.

⁵⁸ ABRANTES, Carla Susana Alem et al. Um texto acadêmico para uma ação política: A Unilab e os episódios de violência em Redenção e Acarape. Redenção, 2017 (Prelo). MALOMALO, Basilele. Mobilização política dos/as imigrantes africanos/as pela conquista de seus direitos no Ceará (2012-2015). *Revista Capoeira*. São Francisco do Conde: Revista de Humanidades e Letras, v.3, n.1, p.57-84, 2017.

⁵⁹ DUMMETT, Michael. *O que é racismo?* A natureza do racismo. In PATAKI, Tomas; LEVINE, Michael P. (Org.). *Racismo em mente*. São Paulo: Madras, 2005.p.40.

⁶⁰ ALMEIDA, Sílvio Luiz de. *O que é racismo estrutural?* Belo Horizonte: Letramento, 2018, p. 25.

HISTÓRIA E CULTURAS

Nesse sentido, a raça serve para garantir o funcionamento de normas sociais, dar preferência a determinadas pessoas por sua cor ou aparência.

Mas, como esses estudantes percebem essas situações? Para analisar esses problemas, utilizou-se um roteiro semiestruturado à luz da história oral temática, como aponta Verena Alberti, além dos dados coletados do formulário. Isso posto, as experiências dos discentes e as suas percepções do racismo e da discriminação racial foram os itens selecionados do roteiro da entrevista. As impressões sobre as relações raciais no Brasil, vivências cotidianas nas cidades, relações acadêmicas e expectativas após a conclusão dos estudos, foram analisadas por meio das respostas efetuadas no formulário.

As entrevistas ocorreram entre o final do segundo semestre de 2019 e meados de 2020. Portanto, a sua finalização ocorreu em pleno recrudescimento da pandemia do coronavírus, o que alterou a forma de contato com os interlocutores. Nas ocasiões, foram entrevistados e entrevistadas sete (07) estudantes africanos presentes na Unilab; cinco (05) homens e duas (02) mulheres.⁶¹ A disparidade de gênero dos/as entrevistados/as decorreu das dificuldades de contato e da disponibilidade das estudantes consultadas no contexto pandêmico.⁶² A partir de março de 2020, as atividades acadêmicas passaram a ser remotas, o que distanciou o contato presencial. Porém, o formulário *google.docs* circulou pela *internet* de junho a agosto de 2020, possibilitando a relação dos dados com as entrevistas para subsidiar o exame. Ao todo 45 participantes foram consultados/as.

Para preservar os/as discentes do estudo, não foram identificados os seus nomes, assim como não foram identificados os seus cursos. Eles serão apenas tratados como entrevistados/as numerados/as e pela nacionalidade.

Antes de adentrar na problematização do racismo e da discriminação racial na região, a seleção das respostas incidirá em identificar como os africanos conheciam o Brasil em seus países de origem. Acredita-se que essa percepção permitirá verificar de maneira efetiva o impacto das relações sociais e culturais imaginadas na África e as vivenciadas em Acarape e Redenção.

Assim, ao serem perguntados se conheciam o Brasil, percebeu-se a relevância das emissoras de televisão nessa construção da representação:

Em cabo verde a gente tá ligado com a cultura brasileira, como novela a partir dos canais brasileiros como Record, Globo, a gente tá longe e ainda perto dos acontecimentos daqui a partir da televisão, isso também ajudou muito minha adaptação aqui no Brasil porque eu tinha contato indiretamente com a realidade brasileira [...] mas estando aqui me ajudou a ver coisas que eu não via na TV.⁶³

A importância da televisão e das novelas para as experiências dos estudantes africanos, no Ceará, torna-se muito relevante,⁶⁴ pois é dessa maneira que muitos discentes passam a formar uma

⁶¹ Os interlocutores foram alunos e alunas dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOP) presentes na universidade, representados por: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.

⁶² No primeiro momento, optou-se por escolher as lideranças das associações estudantis vinculadas aos países africanos presentes na Unilab para a aplicação das entrevistas. Percebendo que os representantes eram todos homens, ocorreu a necessidade de consultá-los sobre as possibilidades de contatos das estudantes que eles conheciam. Porém, não obtivemos o retorno desejado, conseguindo entrevistar apenas duas estudantes mulheres. A disparidade de gênero também foi observada nas respostas efetuadas no formulário. Perguntado sobre qual a sua expressão de gênero, dos 38 respondentes 31 (81,6%) informaram ser homens e apenas 07 (18,4%) informaram ser mulheres. Esses dados remetem a necessidade de uma discussão mais aprofundada em relação a participação feminina, tanto neste estudo quanto no universo mais amplo da representação estudantil.

⁶³ Entrevistado 1, Caboverdiano, 2019.

⁶⁴ Aqui, compreendemos representação como um processo cultural, de acordo com Grijó e Sousa sendo as telenovelas, em certos momentos, um produto de expressão da “cultura brasileira”. “As narrativas dos programas de televisão podem fornecer imagens com as quais os espectadores podem se identificar. As narrativas das telenovelas ajudam a construir identidades, quer sejam raciais, de gênero etc., as quais podem ser apropriadas (ou não) pelo público. Essa representação não pode ser observada sem reservas, haja vista ser também um jogo de interesses recíprocos por parte de

HISTÓRIA E CULTURAS

perspectiva da realidade brasileira. Em evidência, o entrevistado 2 relata:

Bom, a gente tem lá dois canais de TV né, que é a Record e a Globo, que nos possibilita ter um olhar do Brasil, de como que o Brasil é, como as pessoas são tratadas, mas a gente acaba olhando em duas vertentes, primeiro o Brasil mais de turismo, um país maravilhoso e também aquela versão de um Brasil mais favelado, o lado do crime, como que as pessoas vivem, mas pouco se mostra do interior, por exemplo de Redenção. E a gente tem uma ilusão [...] Lembro-me, que na minha entrada tiveram uns colegas de outras nacionalidades que tiveram um choque né, quando chegaram no aeroporto de Fortaleza e achava que aquele era o lugar que iam ficar. Depois de tantos quilômetros que a gente percorreu de Fortaleza a Redenção eles foram notando que iam deixando pouco a pouco a cidade, entravam numa outra região e iam se questionando dentro do ônibus “pra onde que a gente vai?”... foi um choque...⁶⁵

A partir desse relato, foi possível perceber os contrastes entre a desigualdade social existente no Brasil (vista de fora, pela televisão), em que o turismo e a favela se destacam, e a realidade do deslocamento de Fortaleza, capital, para o interior. As regiões de Acarape e Redenção, ainda que próximas a Fortaleza (cerca de 55km), figuram apenas entre a 43ª (Redenção) e a 129ª (Acarape) economias do estado (que tem 184 municípios), como informa o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em relação ao produto interno bruto (Pib) do ano de 2020.

Para o estudante guineense, a TV foi a porta de entrada para os jogos da seleção brasileira. Sua realidade, mesmo com a influência televisiva, diferencia-se da dos demais estudantes em virtude de a maioria deles ser guineense, como apontou Maciel. O que, de certa maneira, propicia alento coletivo em terras distantes. Atualmente, dos 1.156 alunos internacionais, matriculados na graduação, 661 são guineenses.⁶⁶ Outro dado interessante em sua fala, mostrada a seguir, foi a participação em um curso de língua portuguesa como meio de conhecer o Brasil.

Bem, antes de sair de Guiné-Bissau eu frequentava um centro de formação brasileiro na Guiné, na embaixada brasileira, ao fazer o curso de Língua portuguesa possibilitou conhecer um pouco também da realidade brasileira. Além de acompanhar as notícias nos jornais e nos períodos de mundiais também a gente costumava sempre ver o jogo do Brasil, pelo menos eu gosto da seleção brasileira, não só. Então foi aí que eu aprendi algumas coisas sobre a realidade brasileira. E a minha vivência, comparando antes quando eu estava lá (Guiné Bissau) com agora, na verdade não mudou bastante [...] como a comunidade de estudantes guineenses é [...] maior, então a gente tem várias opções de pessoas amigas e a gente se sente em casa [...].⁶⁷ (Grifo nosso).

Das 38 respostas ao formulário 13 (34,21%) foram guineenses. Perguntados se eles consideravam o Brasil parecido com a sua região de origem, apenas 02, apontaram que sim, 04, talvez e 07 responderam que não. Contudo, a adaptação na região e nos lugares que eles circulam merece destaque. Como o apontado na entrevista acima, quando perguntados sobre as suas adaptações em Acarape e em Redenção as respostas foram as seguintes: 07, responderam que a adaptação está boa e 06, consideraram a sua adaptação média. Nenhuma resposta apontou ruim.

O próximo entrevistado, angolano, reconhece a importância da televisão para as suas impressões sobre o País. Inclusive, o interlocutor enfatiza que o Brasil é visibilizado pela mídia como um país de “branco”, ainda que a maior parte da população seja negra:

emissoras de televisão, mercado publicitário etc. GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUSA, Adam Henrique Freire. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. *Revista Estudos em Comunicação, Covilhã*: UBI – Universidade da Beira Interior, v. 1, n.14, 2012, p. 186.

⁶⁵ Entrevistado 2, moçambicano, 2019.

⁶⁶ Dados disponíveis na Plataforma Unilab em números. Disponível em: <<http://unilab.edu.br/unilab-em-numeros/>>. Acesso em 09 de mar.2021.

⁶⁷ Entrevistado 3, guineense, 2020.

HISTÓRIA E CULTURAS

Eu conhecia o que se conhece no senso comum, o dito popular, porque eu nunca aprofundi meus estudos sobre a cultura brasileira, mas o que era de meu conhecimento sobre o Brasil é que tinha uma diversidade cultural muito vasta, a extensão do país também influenciou, cada região tinha sua própria identidade, desde alimentos até o modo de falar, e que mesmo o Brasil sendo o país considerado branco, a maior parte da população é negra [...] Eu conhecia principalmente pela televisão, em Angola consome-se muito das novelas brasileiras, jornais, até mesmo filmes [...].⁶⁸ (Grifo nosso).

Os angolanos foram os que em maior número responderam o formulário proposto, um total de 17 (44,73%). Em relação a adaptação as cidades e a sociedades locais, os angolanos diferentemente dos guineenses apontaram a sua adaptação como razoável. No total, 16 dos consultados, responderam que a adaptação nos lugares que circulam nas cidades é média. Porém, nenhuma resposta considerou a adaptação ruim. Neste ponto, igual aos guineenses. Aliás, mesmo com as dificuldades enfrentadas nenhuma das 38 respostas consideraram a adaptação ruim no Ceará.

As mulheres africanas são as próximas a serem destacadas. Essas entrevistadas possibilitam uma “satura” (repetição), como destaca Verena Alberti, nas informações sobre o quanto a TV influencia na percepção sobre o Brasil.⁶⁹ Porém, uma novidade em seu relato foi a alusão à presença de brasileiros em *shoppings* de Cabo Verde e as aulas sobre o Brasil que ela teve no ensino médio.

O contato na verdade era por meio de tv, dos canais de tv, principalmente por causa das notícias, as novelas. Antes de vir pra cá também trabalhando, de vez em quando aparecia alguns brasileiros, eu trabalhava num shopping lá na capital do país, aí de vez em quando passava brasileiros, e no ensino médio também estudamos alguns tópicos que apontam as diferenças entre os PALOPS, os países falantes de português, principalmente as diferenças na linguagem, de certa forma tive sim bastante contato antes de vir pra cá.⁷⁰

Diante dos relatos, salientou-se o contraste entre o imaginado com a realidade vivida a partir da chegada nas cidades de Acarape e Redenção. Na próxima resposta, tem-se, por parte da entrevistada angolana, a percepção da importância territorial e econômica do Brasil, bem como o reconhecimento da língua portuguesa, e em geral da cultura, como um fator relevante para a adaptação em terras distantes.⁷¹ Nas falas da aluna angolana,

[...] o Brasil é um gigante, é um monstro dentre os países de língua oficial portuguesa né, mas aqui eu também não noto muita diferença, entendeu? Até porque é normal né o Brasil tem cultura muito variada. Então pra mim não foi muito difícil a adaptação... Só a saudade né [...] A comida, a música, eu me dei bem [...] (quanto a língua) [...] se é o português da

⁶⁸ Entrevistado 4, angolano, 2020.

⁶⁹ Importante ressaltar que no início dos anos 2000, a Rede Globo de Televisão altera os protagonistas de suas novelas. Tal ascensão dos personagens negros como protagonistas das narrativas ocorreu dentro o contexto de inclusão das camadas populares nas telenovelas, deixando de serem apenas personagens de segunda ordem. Assim, na análise dos pesquisadores, “presenciou-se nos últimos anos a hegemônica TV Globo colocando negros como personagens principais de suas telenovelas nos três horários de exibição desse produto, como tentativa de renovar o gênero televisivo. GRIJO, Wesley Pereira; SOUSA, Adam Henrique Freire. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. *Revista Estudos em Comunicação, Covilhã: UBI – Universidade da Beira Interior*, v. 1, n.14, 2012, p.192. Influências certamente sentidas pelos telespectadores africanos.

⁷⁰ Entrevistada 1, caboverdiana, 2020.

⁷¹ Em virtude da importância da língua portuguesa, conforme Isabel Ferin Cunha, no dia 17 de julho de 1996, em Lisboa, foi instituída a CPLP. Assinaram o documento constitutivo os chefes de Estado da Angola, Brasil, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e representante de São Tomé e Príncipe. CUNHA, Isabel Ferin. A Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP) na imprensa portuguesa. *África Revista do Centro de Estudos Africanos*. São Paulo: USP, v.1, n.1, 1997-1998, p.106. Por ser a maior demografia da língua portuguesa no mundo, a Missão do Brasil junto à CPLP foi criada em fevereiro de 2006, sob a política externa do governo Lula.

HISTÓRIA E CULTURAS

Guiné ou de Portugal, não interessa a nacionalidade, mas é a mesma língua entendeu e você já consegue estabelecer comunicação.⁷²

Na percepção dos discentes africanos, a cultura brasileira, representada pela televisão, o uso comum da língua portuguesa e os hábitos, além do grande contingente de populações negras, em geral dariam possibilidades de uma rápida adaptação. Inclusive, evidenciou-se, nas respostas, que o racismo e a discriminação racial foram citados em apenas uma das falas dos/das entrevistados/as.⁷³ Situação que se altera nas respostas do formulário, como será visto.

A partir de agora, ciente de como os/as entrevistados/as percebiam o Brasil, questiona-se como os discentes percebem o racismo e a discriminação racial nas cidades cearenses.

Diretamente, posso falar que não né, mas claro que tem muitos relatos de nossos colegas que sofreram discriminação nos espaços de lazer [...] Essa resistência de não ceder os espaços de lazer é misturado com discriminação. A gente vê uma barreira geral, mas quando se trata dos internacionais ainda é mais forte [...] enquanto estudante a gente não só pensa em estudar, a gente pensa também em lazer, e como a gente vai ter esse momento de lazer sem espaço?⁷⁴ (Grifo nosso).

Esse tipo de violência foi abordada, com nuances distintas, por Abrantes.⁷⁵ Todavia, mesmo reconhecendo o racismo e as discriminações territoriais como um lugar de embates, nota-se, no relato anterior, a importância dada pelo estudante caboverdiano aos espaços de lazer e entretenimento. Afinal de contas, esses discentes são jovens. Além dos espaços de lazer e territoriais da cidade, o discente sãotomense destaca o problema dentro do espaço da universidade:

Infelizmente, existe dentro da universidade, em alunos, técnicos, professores, infelizmente existe isso aí. Então eu penso que deveria ter não sei né, mas poderia ter algo que todos poderiam passar para entender que esta é uma universidade diferenciada [...] se tivesse algo que dissesse que você entrou num lugar e esquece seu racismo parece que seria muito bom, mas infelizmente não existe isso, então.⁷⁶ (Grifo nosso).

Porém, mesmo ciente das tensões internas, que ocorrem no âmbito da universidade, o discente sãotomense destaca o racismo e a discriminação presentes no cotidiano externo:

[...] fora quando você vai tratar documento muitas das vezes pra ser atendido por ser preto e por ter uma cor mais escura e chega alguém mais claro e nacional vai ser atendido primeiro que você, então isso ainda acontece, mesmo quando você vai comprar coisas te dão um preço aqui e o brasileiro outro. Certa vez, uma colega (africana) foi pra uma loja pra comprar uma calça branca de enfermagem, ela chegou e perguntou e a senhora disse não tem, e ela saiu da loja, mas chegou uma brasileira perguntou a mesma coisa e a senhora disse que tem, infelizmente ainda existe isso [...].⁷⁷

⁷² Entrevistada 2, angolana, 2020.

⁷³ A chamada cultura da mídia oferece a base sobre a qual as pessoas constroem seu senso de classe, de raça e etnia, de nacionalidade, de sexualidade; enfim, nos ajuda na construção de nossa identidade e na determinação do que seja o “outro”, o diferente do que somos. Por essa linha de raciocínio que observamos, na década de 2000, a representação da negritude brasileira no produto televisivo nacional de maior difusão tanto no Brasil quanto no exterior: a telenovela. GRIJÓ, Wesley Pereira; SOUSA, Adam Henrique Freire. O negro na telenovela brasileira: a atualidade das representações. *Revista Estudos em Comunicação*, Covilhã: UBI – Universidade da Beira Interior, v. 1, n.14, 2012, p.186.

⁷⁴ Entrevistado 1, caboverdiano, 2019.

⁷⁵ ABRANTES, Carla Susana Alem et al. Um texto acadêmico para uma ação política: A Unilab e os episódios de violência em Redenção e Acarape. Redenção, 2017 (Prelo).

⁷⁶ Entrevistado 2, sãotomense, 2019.

⁷⁷ *Op.Cit.*

HISTÓRIA E CULTURAS

Ou seja, nas repartições públicas e no comércio, foi manifestada a discriminação segundo o aluno são-tomense.

No formulário respondido a maioria dos estudantes confirmou já ter sofrido racismo. No total, 16 (42,10%) confirmam ter sofrido racismo e 09 (23,68%) talvez tenham sofrido. Apenas 13 (34,21%), das 38 respostas, informaram não terem sofrido racismo.

No próximo relato, o entrevistado moçambicano enfatiza o racismo e a discriminação, novamente, identificado fora e dentro da universidade. Mas também vai além, pois traz as tensões existentes entre os próprios africanos:

Fora (da universidade) não tem muito, não tem muito a dizer. Eu acho que a única vez que eu senti ou vivenciei foi quando a gente tava procurando casa pra alugar, a senhora lá disse que a casa não estava pra alugar e quando a gente foi passando na volta percebemos que alguns colegas nosso desta universidade brasileiros, ocupavam aquela casa. A gente se perguntou “será que nós não podemos alugar essa casa por sermos estrangeiros?” Eu encarei isso como um ato de racismo. E dentro da Universidade, já também. Alguns colegas brasileiros, mas também temos que notar que há uma negação entre nós também, entre africanos, há uma negação [...].⁷⁸ (Grifo nosso).

Em relação a essa tensão entre os próprios africanos, credita-se a elaboração das suas identidades nacionais como um ponto de tensão, inclusive suas disputas políticas e seus debates em torno das questões advindas de seus territórios.⁷⁹ Quanto a essa situação, o entrevistado guineense faz importantes reflexões sobre como lidar com as diferenças e as disputas nacionais, conforme segue:

[...] a questão de outras nacionalidades, quando uma pessoa não conhece o outro, se tiver essa visão de julgar [...] realmente não vai poder vivenciar coisas positivas na universidade e com as pessoas da melhor forma. [...] Porque o objetivo aqui é estudar, então, não adianta carregar muitos pensamentos na mente e complicar o processo de estudo.⁸⁰

Contudo, estudar em um local onde a discriminação se faz presente é traumático, uma vez que, além das identidades nacionais, a demarcação da raça (identificada na presença dos corpos negros africanos na região), do fenótipo e da cultura desencadeia tensões às suas subjetividades. Como explica a aluna caboverdiana:

Eu já ouvi pessoas falando das vestimentas ou do cabelo de colegas ou reclamando [...] teve uma vez que um grupo de pessoas entrou no intercampi (ônibus universitário) lotado, meio-dia, uma hora, em pleno sol e com todo aquele calor, claro que a maioria das pessoas ficam com calor e acabam suando e naquela correria de chegar no RU (restaurante universitário) para almoçar e então entrou um grupo de pessoas e uma menina, uma brasileira, que tirou um spray (desodorante) da mochila e lançou dentro do ônibus, do intercampi. Só que a pessoa que tava mais próximo dela era um africano [...] enfim, acontece dessas coisas, já aconteceu comigo também mas eu não lembro ou não dou muito atenção. E tem até essa

⁷⁸ Entrevistado 3, moçambicano, 2020.

⁷⁹ Dos estudantes africanos e africanas presentes na Unilab, para além de suas identidades nacionais, localizamos as seguintes etnias nas respostas do formulário *google.docs*: bantos, bakongo, ovimbundo e kinbundo (de Angola), fula, mancanha, balanta, biafada, papel, manjaco e felupe (da Guiné Bissau) e ovimbundo e chuabo (de Moçambique). Os participantes dos arquipélagos de Cabo Verde e São Tomé e Príncipe, por suas especificidades históricas de origem relacionadas aos entrepostos de comercialização de escravizados, não informaram os dados étnicos. Somente destacando o “não se aplica”. Segundo Iris Amâncio, os grupos étnicos de Cabo Verde são formados por descendentes de africanos escravizados e de senhores portugueses, mestiços (71%), africanos (28%) e europeus (1,0%). Já os grupos étnicos presentes em São Tomé e Príncipe são variados, formados por descendentes de vários grupos que migraram para a Ilha desde 1485. AMÂNCIO, Iris Maria da Costa; GOMES, Nilma Lino; JORGE, Miriam Lúcia dos Santos. *Literaturas africanas e afro-brasileira na prática pedagógica. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.*

⁸⁰ Entrevistado 4, guineense, 2020.

HISTÓRIA E CULTURAS

questão de dizer que é elogio, mas é racismo, é discriminação como dizer ‘seu cabelo é bonito’, coisas que já me aconteceram.⁸¹ (Grifo nosso).

Sobre uma situação de discriminação percebida, o aluno angolano respondeu:

[...] num certo dia de aula eu ia para a biblioteca do Auroras para ler, e um motorista estava conversando com estudantes internacionais e claramente dizia ao rapaz que não gostava de negros, e esse episódio se passou no intercampi. E isso é muito grave, quando no seio da universidade existe esse tipo de comportamento.⁸²

Nos relatos da discente caboverdiana e do discente angolano, é possível constatar um foco de desencadeamento do racismo e das discriminações no âmbito da Unilab: o ônibus universitário (intercampi). Um espaço de contato, coletivo em que brasileiros e africanos estão lado a lado ocupando um mesmo veículo.

Questionada se ela antes de vir para o Brasil estava ciente de que o racismo e a discriminação poderiam ocorrer, mesmo inconformada, a entrevistada responde:

Eu sabia que tinha essa possibilidade de encontrar, eu já sabia que esses episódios podiam acontecer sim, só que você não sabe de que formas, só acontecendo pra você falar ‘é, realmente é assim que acontece’ mas eu já sabia que podia acontecer. Até que você ver na tv, as publicidades já reflete um pouco disso e eu sou africana, sou negra e era algo que eu já previa. E isso machuca (...) e a vontade que eu tenho é mesmo de falar, de tentar mostrar que isso é algo que não nos torna humanos como um todo (...).⁸³ (Grifo nosso).

Em sua fala, a estudante, única a pontuar o problema desde a África, diz que “[...] já previa sentir racismo no Brasil por que era negra”. Nesse sentido, a interlocutora foi a única que compartilhou “[...] de uma mesma história de desenraizamento, da escravidão e de discriminação”, como destaca Neuza Santos Souza,⁸⁴ demonstrando uma consciência racial prévia, como negra. Destaca-se que ela foi a única que evidenciou esta situação nas entrevistas. Contudo, no formulário, ao serem perguntados sobre o seu pertencimento racial, das 38 respostas, 15 (30,5%) se consideram preto/a. Porém, 23 (60,5%) se consideram negro/a.

A última entrevistada revela que: “[...] já ouvi relatos que acontecem sempre [...] no intercampi ou na sala de aula [...]”. Mas, conforme a estudante, “[...] ver mesmo eu nunca vi” (Entrevistada 7, angolana, 2020). Mais uma vez, destaca-se que, embora a discente narre que não tenha presenciado uma situação pontual de racismo e discriminação, ela “já ouviu relatos”, nos quais o intercampi e a sala de aula são citados.

Perguntados no formulário para os discentes africanos/as se as suas percepções cotidianas sobre o Brasil melhoraram após as suas vivências em Acarape e Redenção, 23 (60,50%) responderam que pioraram e apenas 08 (21,05%) apontaram que melhoraram, 05 (13,15%) não souberam informar e 02 (05,26%) informaram que as impressões se mantiveram.

Mas diante disso tudo, questionam-se as propostas da Unilab para combater o problema. A universidade criou em 2020 o Grupo de Trabalho Antirracismo. Instituído pela Portaria da Reitoria 313 de 30 de julho de 2020, o GT nasceu em meio ao contexto pandêmico, momento em que o mundo foi abalado por campanhas como a *Black Lives Matter*.⁸⁵

⁸¹ Entrevistada 6, caboverdiana, 2020.

⁸² Entrevistado 5, angolano.

⁸³ Entrevistada 6, caboverdiana, 2020.

⁸⁴ SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

⁸⁵ O movimento *Black Lives Matter* (em português, Vidas Negras Importam), tiveram como estopim o assassinato de George Floyd pela polícia estadunidense, a discussão sobre a violência policial contra a população negra ganhou força em todo o mundo, inclusive no Brasil. Disponível em: < <https://www.ufes.br/conteudo/estudo-aponta-black-lives-matter-internacionalizou-debate-da-violencia-contra-negros>>. Acesso 30 dez.2021.

HISTÓRIA E CULTURAS

O Grupo de Trabalho da Unilab foi formado por docentes, discentes e servidores técnicos administrativos da Bahia e do Ceará, com o objetivo de formular ações de caráter prático e no âmbito administrativo que combatam, além do racismo, outras formas de preconceitos.⁸⁶ O foco de abrangência da ação, para além da situação dos discentes africanos/as, foi amplo e geral à comunidade universitária do Ceará e da Bahia.

Como resultado o GT elaborou, com o auxílio do departamento de tecnologia e estatística, um diagnóstico sobre a realidade do racismo e da discriminação no âmbito da Unilab. O instrumento contendo 34 questões, das quais 6 possibilitam respostas discursivas, foi criado para consultar os discentes sobre a realidade do racismo e da discriminação racial em Acarape, Redenção e na cidade de São Francisco do Conde/BA.⁸⁷

Além do diagnóstico, foi organizada a “Campanha Racismo e Discriminação, aqui não!”, com o apoio do Instituto dos Malês, da Diretoria dos Malês, da Pró-Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis – PROPAE, da Pró-Reitoria de Relações Institucionais e Internacionais – PROINTER e da recém-criada Coordenação de Direitos Humanos (CDH), assim como elaborado, com o apoio da Secretaria de Comunicação (Secom) e com a participação dos representantes discentes, um vídeo institucional.⁸⁸ Ademais, o GT produziu em formato digital, com o auxílio dos profissionais da Secom uma cartilha antirracista.⁸⁹ O “objetivo desse instrumento é contribuir para o aprimoramento da integração institucional e para o combate ao racismo, às discriminações, aos preconceitos e à xenofobia na comunidade acadêmica”.⁹⁰

Conclusão

As cidades de Acarape e Redenção, reconhecidas pelo abolicionismo, são economicamente frágeis. Para essa região, a Unilab trouxe inúmeras perspectivas de desenvolvimento.

Os processos históricos brasileiros e cearenses foram fundados na escravidão. Com a abolição, seguem os estigmas e os estereótipos relacionados às populações negras, que — tratadas como inferioridades no marco da cidadania — não foram incluídas. Ao contrário, passaram a ter a sua possibilidade de acesso reproduzida por um discurso de harmonia, que Roberto da Matta identificou como fábula, já que essa relação propiciada pela ideologia da democracia racial, desde as origens mais remotas do Brasil, carregou hierarquizações.⁹¹ E com um agravante, em se tratando do Ceará: criou-se conjuntamente ao discurso da mestiçagem a ideia de que, no Ceará, não existiriam mais negros.

Aceitou-se a participação da cultura negra, com ressalvas à nacionalidade; porém, os corpos negros constantemente foram e são associados à escravidão de maneira fixa, como se fossem sinônimos. Estereótipo igualmente vinculado às populações africanas.

⁸⁶ Disponível em: < <https://unilab.edu.br/2020/09/24/grupo-de-trabalho-empreeende-pesquisa-para-desenvolver-acoess-antirracistas-na-unilab/>>. Acesso 30 dez.2021.

⁸⁷ O diagnóstico foi disponibilizado via Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA) para todos os discentes matriculados na Unilab, nacionais e internacionais. Os dados da pesquisa foram encaminhados para a Coordenação de Direitos Humanos e Ações Afirmativas, órgão vinculado à Pró -Reitoria de Políticas Afirmativas e Estudantis – PROPAE.

⁸⁸ Os vídeos da campanha foram realizados no Campus Liberdade em Redenção/CE e no Campus dos Malês, localizado na cidade de São Francisco do Conde. A campanha contou com representantes discentes dos países africanos, estudantes brasileiros negros, negras, quilombolas, indígenas, demais povos tradicionais e pessoas com deficiência. Vídeo da Campanha Racismo e Discriminação, Aqui Não! Disponível em:< <https://www.youtube.com/watch?v=NFbZzoZTLv0>>. Acesso 30 dez.2021.

⁸⁹ A Cartilha de Combate ao Racismo e a Discriminação está disponível no link: < <https://unilab.edu.br/wp-content/uploads/2021/07/Cartilha-de-Combate-ao-Racismo-2020.pdf>>. Acesso 30 dez.2021.

⁹⁰ CARTILHA DE COMBATE AO RACISMO DA UNILAB, Ceará, 2020, p.06.

⁹¹ DAMATTA, Roberto. “Digressão a Fabula das três raças, ou problema do racismo à brasileira”. In: _____. Relativizando. Uma introdução à Antropologia social. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p.58-85.

HISTÓRIA E CULTURAS

Aos africanos que, na atualidade, se deslocam para estudar na Unilab, um agravante, para além do racismo e da discriminação racial, é a xenofobia, potencializada pelo fato de serem “estrangeiros” advindos de um continente que, ainda pelo fruto da ignorância, é tratado como um país, o que reduz suas identidades, suas culturas.

Sentindo essas situações, muitos africanos/as em terras brasileiras passam a se identificar com a luta dos negros brasileiros e elaboram, por meio de suas subjetividades e experiências, a identidade negra, como aponta Neuza Santos e Nilma Gomes, já que, em comum, existe um passado de escravidão, de opressão e subalternização e um presente de discriminação constante que, conscientemente, passa a ser enfrentado por alguns indivíduos e grupos.

O racismo e a discriminação — que, muitas vezes, são negados pela comunidade local como reflexo da persistente ideia de “harmonia racial” — acredita que as instituições tratam com igualdade qualquer pessoa sem distinções e procedências. Item reforçado na teoria pelo artigo V da Constituição Federal. Porém, como visto nesta pesquisa, essa construção não se sustenta no cotidiano.

Os próprios africanos, distantes, assistindo novelas e futebol brasileiro pela televisão, percebem o Brasil na cultura midiática, mesmo com os seus contrastes, como um lugar acolhedor. Ciente dos problemas cotidianos e de suas oportunidades, o País se tornou atrativo para o presente desses sujeitos que encontraram, no projeto da Unilab e posteriormente, em conjunto com as redes de apoio nas cidades cearenses, possibilidades de resistências que formam barreiras às violências e ao racismo institucional e estrutural.⁹²

Um fator que evidencia a resistência e a coragem dos discentes africanos e africanas é a sua boa adaptação, mesmo em uma realidade adversa, para realizar a sua formação. Outros dados interessantes foram as respostas em relação aos seus futuros acadêmicos e profissionais, dos 38 participantes do formulário: 35 (92,10%) pretendem fazer pós-graduação no Brasil e 30 (78,94%) pretendem atuar em seus países de origem. O que evidencia um compromisso com o retorno e o interesse de contribuir no desenvolvimento de suas comunidades.

A Unilab surgiu a partir do projeto de Lei nº 12.289/2010, criado no mesmo dia que a Lei nº 12.288 (20 de julho de 2010), que institui o Estatuto da Igualdade Racial. Ambas as leis, em uníssono, contribuem ao abordar o combate ao racismo e à discriminação racial. Em seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), a Unilab diz ter o compromisso com “[...] ações de combate a todas as formas de discriminação negativa, especialmente ao racismo”.⁹³

Na instituição, existem inúmeras pesquisas desenvolvidas, grupos de pesquisas, projetos de extensão e disciplinas, além do Projeto Político dos Cursos da área das Ciências Humanas, conforme se pode observar nas informações disponíveis na página da instituição que evidenciam o seu caráter singular.⁹⁴ A universidade dispõe do Serviço de Promoção da Igualdade Racial (Sepir/Unilab), criado em 2017. O órgão atua no combate ao racismo e à discriminação.⁹⁵ Entretanto, se essas ações fossem suficientes ou efetivas na realidade individual e social dos discentes, os relatos colhidos entre os anos de 2019 e 2020, certamente, teriam outros resultados. Para combater a situação, a Unilab criou o GT Antirracismo.

Para Quijila existe uma carência estratégica na divulgação de cooperação internacional da Unilab. “Tanto para os estudantes quanto para a sociedade de Acarape e Redenção. As informações

⁹² MALOMALO, Basilele. Mobilização política dos/as imigrantes africanos/as pela conquista de seus direitos no Ceará (2012-2015). *Revista Capoeira*. São Francisco do Conde: Revista de Humanidades e Letras, v.3, n.1, p.57-84, 2017.

⁹³ PLANO DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL - PDI da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB) 2016 – 2021, p. 17–18.

⁹⁴ No site da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Unilab, contendo as palavras raça, racismo, discriminação e africanos, foram cadastrados até o momento 49 projetos de pesquisas. Disponível em: < <http://proppg.unilab.edu.br/index.php/projetos-de-pesquisa/>>. Acesso 12 mar.2021.

⁹⁵ O Sepir da Unilab é o setor responsável pelas comissões de heteroidentificações e atividades concernentes as relações étnico-raciais da universidade. Disponível em: < <http://unilab.edu.br/sepir/>>. Acesso em 12 mar.2021.

HISTÓRIA E CULTURAS

de maneiras estratégicas poderão diminuir os racismos e a xenofobia no ensino superior cearense e brasileiro”.⁹⁶

Por fim, acredita-se que para um combate efetivo destas situações deva ser articulado, com mais profundidade, uma ação interna e externa da universidade, com a participação das prefeituras de Acarape e de Redenção e da Região, bem como do Estado do Ceará a fim de arregimentar forças para superar e combater o racismo, a discriminação e a xenofobia que foram apontadas nos relatos e no formulário para além do âmbito da instituição visto que ocorrem em outros espaços dessas cidades, potencializadas pela incompreensão das diferenças e da presença africana como fator positivo para o desenvolvimento econômico, social e, principalmente, humano do Ceará.

⁹⁶ QUIJILA, Abel Calombo et al. Unilab 10 anos: Desafios e possibilidades no processo de implantação de uma universidade internacional com a África no interior do Ceará. In. (Orgs.). MONTEIRO, Artemisa Odila Candé; LIMA, Ivan Costa. *Unilab 10 anos: experiências, desafios e perspectivas de uma universidade internacional com a África e o Timor Leste no interior da Bahia e do Ceará*. Vol 1. Fortaleza: Imprece, 2020, p.12-33.